

O presente número de INTERFACE coloca para os leitores uma reflexão urgente e necessária: a VIOLÊNCIA, nas suas mais diferentes formas de manifestação. Esta abordagem vem se somar a muitos outros estudos e comunicações que se multiplicam no país. O espaço que a mídia, a divulgação científica e o debate político têm dado ao tema, nos últimos dez anos, passou a ser muito mais amplo do que toda a reflexão intelectual que havia acontecido nas décadas anteriores deste século, no Brasil e no mundo.

Essa pauta de debate que considero necessária tem sido explicada de várias formas pelos estudiosos do tema. Segundo filósofos como Domenach e demógrafos como Jean Claude Chesnais, a preocupação com a violência cresce nas sociedades, *pari passu* com o desenvolvimento da consciência de cidadania, pois a valorização dos indivíduos enquanto sujeitos, por meio da internalização dos seus direitos, leva a maior valorização da vida e ao repúdio de todas as formas de dominação, de opressão, de discriminação de cerceamento das liberdades e de lesão física e psicológica. Portanto, segundo esses e muitos outros autores, a publicização do tema da VIOLÊNCIA, não necessariamente significa a mesma coisa que o aumento da violência.

Em 1995, o Centro Latino Americano de Estudos sobre Violência e Saúde (CLAVES/ENSP/FIOCRUZ), do qual participo, levantou a produção nacional sobre o tema no país. Numa revisão bibliográfica quase exaustiva, encontrou que 85% de todo o acervo intelectual sobre o assunto no Brasil, havia sido escrito a partir da década de 80, intensificando-se no final da mesma, evidenciando o fato de que a violência havia se tornado um tema relevante para a consciência nacional. Mais que isso, porém, os dados epidemiológicos vieram corroborar a preocupação, mostrando que no final da mesma década, a violência (nomeada na Classificação Internacional das Doenças - CID - como "causas externas") havia se constituído na segunda causa de mortalidade no país, apenas abaixo das doenças cardio-vasculares. E no caso da população de 5 a 49 anos, as causas externas, desde então, passaram a ocupar o primeiro lugar no obituário geral. Essa mudança, que significou, sobretudo para a juventude, a troca de posição com as doenças infecciosas e parasitárias (que apresentaram uma sensível queda desde os anos 60), vem preocupando as autoridades públicas, os estudiosos e a sociedade em geral. A violência enquanto manifestação concreta de mortes, lesões, perdas, sofrimentos, medos e angústias tornou-se parte inseparável de nosso drama social.

O esforço que os editores de INTERFACE realizam ao colocar o tema em pauta deve ser louvado por vários motivos. Primeiro, porque ninguém detém o monopólio da verdade, embora o tema seja objeto de estudos, pesquisas, debates, propostas e programas políticos e sociais. Pelo seu caráter polissêmico e controverso, a violência acaba fugindo a qualquer esquema estabelecido. É sempre um assunto para reflexão. Em segundo lugar, por ser a revista um veículo que pretende refletir sobre comunicação, necessita participar do debate inconcluso sobre o papel da mídia na produção, ampliação, banalização, como também na prevenção da violência. E em terceiro lugar, ao tratar da educação, é muito importante que este periódico coloque em debate público algumas questões fundamentais que estão hoje na agenda de interesse da sociedade: as teias ocultas que fortalecem as relações entre indivíduo-sociedade, propiciando interações civilizadas e dialógicas e vice-versa; a construção das bases de igualdade de oportunidades, cujo patamar é o acesso à educação formal; e por fim, o papel da escola na construção da consciência de cidadania. Porque, o avesso da violência, não é a não-violência, é a CIDADANIA.

Maria Cecília de Souza Minayo